

Papo reto no Morro da Babilônia

Palavras de coragem para jovens estudantes da comunidade enfrentarem o Enem

Joaquim Ferreira dos Santos, 30/06/2025

Link: <https://oglobo.globo.com/cultura/joaquim-ferreira-dos-santos/coluna/2025/06/papo-reto-no-morro-da-babilonia.ghtml>

Na subida do morro, me contaram, com muito cuidado para não incorrerem em etarismo, que era melhor eu pegar um mototáxi porque a biblioteca aonde eu queria ir ficava bem lá no alto da Babilônia, num platô acima da UPP, e, sabe como é, o caminho é acidentado, vai que num buraco....

Eu fiz que não ouvi, disse que já sabia os passos daquela estrada ali no Leme, tinha jogado bola com Ary Barroso na ladeira que hoje leva seu nome, que burilei com ele a segunda parte de “Aquarela do Brasil”, mais recentemente fiz uma ponta ao lado da Camila Pitanga quando a Globo gravou ali a novela que leva o nome do morro – e, enfim, com um papo furado em cima do outro, fui Babilônia acima, a pé, pimpão, para conversar na biblioteca Hélio de La Peña com estudantes da comunidade que se preparam para o Enem.

“De onde surgem os assuntos?” – é sempre a primeira pergunta nesses encontros e, foi então que, já preparado, puxei da mochila a versão atual de um tipo de caderninho azul que desde muito m’acompanha. Disse que o caderninho funcionava como uma “Smartfit de Ideias”, uma academia de palavras para malhar a imaginação, e fui lendo o que havia anotado nele.

Eram listas diversas, de palavras mais bonitas da língua portuguesa (“sobrancelha”, “sílfi de”, “salsaparrilha”, “alcaçuz”, “azagaia”, “sândalo”), listas de jingles (“Se a lâmpada apagar não adianta estrilar/ nem bater o pé”), listas de nomes de blocos de carnaval (“Arriando sua sunga”, “Vem ni mim que sou facinha”) e também listas de palavras exóticas que podem significar algo mais nobre do que a sonoridade vulgar que elas sugerem (“bucentauro”, “buteiro”, “púcaro”, “peripatético”).

Respirei um pouco, prometendo que em algum momento aquilo tudo ia fazer sentido, e continuei desfolhando o caderninho azul com sua interminável coleção de listas de gírias recolhidas pelo escritor João Antônio (“vivaldino”, “muquirana”, “matusquela”, “de araque”, “xumbrega”, “escalafobético”), objetos analógicos (escarradeira, cerveja barriguda de casco escuro, sebo para o balão de couro número 5), cortes de cabelo (“buscarré”, “Príncipe Danilo”, “Pontiac”, “moicano”) e, a anotação mais recente, um grafite que tinha visto na subida do morro anunciando um pagode (“Bacubufo no caterefofo”).

Uma palavra friccionada à outra, eu disse para os estudantes, pode funcionar como as pedras para os antigos na floresta e, com a mesma intensidade prática do fogo para eles, dar luz a um texto em que o assunto seja como chegar ao assunto. Lembrei, porém, do poeta Manuel Bandeira: ele dizia que Rubem Braga era um ótimo escritor quando tinha assunto, mas, quando não, era melhor ainda. Tudo é assunto desde que você tenha as palavras e a coragem para usá-las.

Foi então que se fez a luz na Babilônia. Da primeira fila, uma jovem negra venezuelana me apresentou o texto bem-humorado, de cinco linhas, feito à mão naquele momento, sobre como é curioso ouvir seu nome, Margarita, que na Venezuela significa “Pérola”, ecoar divertido num país em que serve principalmente para identificar um drinque. Tinha entendido tudo. Feliz, fechei minhas palavrinhas de volta ao conforto do caderninho azul, e desci o morro.